A Pertinência Das Aulas De Dança Para Crianças E Adolescentes Em comunidade

Graduando: Júnior Monteiro
Orientação: Kátia Salib Deffaci

uergs
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM MONTENEGRO
GRADUAÇÃO EM DANÇA: LICENCIATURA

MARCO JÚNIOR MONTEIRO LEIVAS

AÇÃO DO EXPRESSAR:
A PERTINÊNCIA DAS AULAS DE DANÇA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM COMUNIDADE

MONTENEGRO
2021

MARCO JÚNIOR MONTEIRO LEIVAS

AÇÃO DO EXPRESSAR:
A PERTINÊNCIA DAS AULAS DE DANÇA
PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM COMUNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título Licenciado no Curso de Graduação em Dança Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.ª Drª. Kátia Salib Deffaci

MONTENEGRO
2021

Catalogação de publicação na fonte (CIP)

L533a Leivas, Marco Júnior Monteiro

Ação do Expressar: a pertinência das aulas de dança para crianças e adolescentes em comunidade/ Marco Júnior Monteiro Leivas. – Montenegro, 2021.

39 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Dança (Licenciatura), Unidade em Montenegro, 2021.

Catalogação elaborada pelo Bibliotecário da Uergs Marcelo Bresolin CRB10/2136

MARCO JÚNIOR MONTEIRO LEIVAS

AÇÃO DO EXPRESSAR:
A PERTINÊNCIA DAS AULAS DE DANÇA
PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM COMUNIDADE

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título Licenciado no Curso de Graduação em Dança Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: 15/12/2021

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientadora Prof. Drª. Kátia Salib Deffaci
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

_____
Profª. Drª. Aline da Silva Pinto
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

_____
Prof. Dr. Eduardo Guedes Pacheco
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

AGRADECIMENTOS

Obrigada Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. Pois através do SISU e pelo esforço do meu resultado do ENEM, que consegui ingressar nesta instituição. Gratidão a esta Universidade Pública pelo ensino gratuito e de qualidade.
À Deus e todas vibrações positivas que estiveram comigo me fazendo ter força de não desistir, só eu mesmo sei que não foi nada fácil a longa caminhada até aqui.
À minha mãe, Dilmaris, por ser minha referência e exemplo de vida. Guerreira, batalhadora e que almeja sempre o melhor. Por me educar e ensinar seus valores de vida, sendo sempre humildade, com os pés no chão, acreditando e sonhando que tudo pode ser conquistado. Basta ter fé e persistência! E também por me acompanhar e vibrar a cada conquista, a formação é uma delas. (mãe eu consegui !)
Á minha vó Fátima, que no 1º mês de aula prontamente (sem eu saber ou pedir) fez uma cesta mega cesta de chocolates ("- *óh é o que a vó pode fazer pra te ajudar*") pra eu rifar e conseguir custear as passagens pra faculdade naquele mês. Pois o curso era em Montenegro e eu resido em Porto Alegre (longos 67km de distância).
À toda minha família que fez uma faixa "bixo uergs 2016" pra eu, quando consegui entrar na faculdade e todos familiares que me ajudaram de alguma forma, guardo todo esse carinho em um lugar especial no meu coração, amo vocês !
Ao meu namorado Vinicius que me acompanhou no processo de escrita da monografia e soube compreender minhas ausências por conta dos estudos e que foi o que mais acompanhou de perto todas as minhas aflições.
Ao Expressar Centro Cultural pela disponibilidade e dedicação de sempre.
À todos os alunos que sempre topam as minhas propostas de aula, que me acompanharam e apoiaram em todo meu processo da graduação.
À Vanessa Rodrigues, diretora do Projeto Expressar, minha melhor amiga e irmã de alma. Que sempre me apoiou desde o começo quando ingressei no projeto, no inicio da graduação até minha formação.
Aos meus professores, por todos os ensinamentos, por compartilhar suas experiências e vivência: Aline da Silva Pinto, Juliana Vicari, Giuliano Andreoli; Em especial aos profes: Silvia da Silvia Lopes, Edu Pacheco e Sandra Lemos, agradeço em especial por suas caronas, pois faziam muita diferença e também me ajudaram muito nos momentos em que eu mais precisei.
À banca examinadora: Aline Pinto e Edu Pacheco. Muito obrigado por seus feedbacks, puxões de orelha, elogios e por me acompanharem no final dessa graduação. Em especial minha orientadora Kátia Salib, por sua genialidade, sua paciência, questionamentos, disponibilidade e por ter acreditado no potencial da minha pesquisa.
Ao Airton Tomazzoni (que por protocolos não consegui que fizesse parte da minha banca do tcc) eu agradeço por incentivar cada vez mais a arte de dançar, por todo empenho e por toda sua dedicação em meio a cultura e a nós artistas da dança. És uma grande referência e inspiração... Te agradeço de coração !!!

Aos meus amados e queridos colegas que conquistei ao longo da graduação, que amo tanto e que levarei pra vida toda! Nosso “CLÃ”: Silvania Rodrigues, Allyson Gomes, Karina Rolim, Giuliana Rocha, Carol Fossá e Débora Duarte. Pois sempre nos ajudamos e nos apoiamos uns aos outros, nos momentos mais difíceis da graduação e da vida. Principalmente nossa parceria pra fazer o Passe Estudantil, segurar o ônibus pra não perder ele na saída de Montenegro, correr pra não perder o último trem, interando na passagem do outro quando um ou outro não tinha. Esperar juntos (por segurança) tarde da noite pra não perder meu último ônibus (na chegada de Montenegro no caso) do centro de Porto Alegre à minha casa que saía da rodoviária as 00h15 me fazendo chegar em casa quase 1h da manhã todos os dias de aula. Enfim... A todo esse povo citado acima, MUITO OBRIGADO vocês fazem parte da minha formação e de toda essa história incrível !

“ Eu falei que era uma questão de tempo
E tudo ia mudar, e eu lutei
Vários me disseram que eu nunca ia chegar, duvidei
Lembra da ladeira, meu?
Toda Sexta-feira meu melhor amigo é Deus e o segundo melhor sou eu...

Deus olhou pra mim, disse assim, escuta neguin
Pegue esse caderno e escreve em cada folha até o fim
Eu disse Senhor, sou tão tímido, sinto mó pavor
Só subir no palco a perna congelou ”

(Muleque de Vila, Projota)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta “Ação Do Expressar: A pertinência das aulas de dança para crianças e adolescentes em comunidade”, tem o intuito de descobrir o impacto das aulas de dança na vida de crianças e adolescentes, através de reflexões e atravessamentos de um professor-artista. Com o objetivo de valorizar a dança dentro da comunidade. Dando protagonismo ao trabalho social e artístico desenvolvido no Expressar Centro Cultural, da Vila Cruzeiro em Porto Alegre. O inicio do processo aconteceu através das vivências, investigações e experimentações nas aulas de dança do Projeto, para a elaboração dos procedimentos artísticos. O suporte metodológico dessa pesquisa é da prática como pesquisa, incorporando os instrumentos da auto etnografia. Sendo assim aceita outros instrumentos, experienciação, convivência, e o caderno de artista. Para esta pesquisa foram realizados laboratórios dirigidos de improvisação em dança, com estímulos sobre trajetórias de vida. As principais referências desta pesquisa em dança são os trabalhos de: Sylvie Fortin, Márcia Strazzacappa, Rosana Pimenta e Ediney Linhares.

Palavras-Chave: Projeto Social ; Dança ; Improvisação ; Vivência

ABSTRACT

The present work of conclusion of course presents “The Action of Expressing: the relevance of dance classes for children and adolescents in social community”, and aims to find out the impact of dance classes on children and adolescents lives, through reflections and crossings from a teacher-artist. With the goal of appreciating dance in the community. Leading to social and artistic work developed at the Projeto Cultural Center Expressar from Vila Cruzeiro, in Porto Alegre. The beginning of the process occurred through experiences, investigations and experimentations on dance classes at the Cultural Center, to elaborate the artistic procedures. The methodological support for such research is by empirical practice, incorporating auto ethnography instruments. Thus it accepts other instruments, experiencing, acquaintanceship and the artist’s notebook. For this research were performed coordinated laboratories of dance improvisation, with stimulation about life paths. The main references of this research on dance are the works of: Sylvie Fortin, Márcia Strazzacappa, Rosana Pimenta e Ediney Linhares.

Keywords: Social Project ; Dance ; Improvisation ; Experience

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada do projeto, Recepção do projeto e Sala de dança do projeto..10
Figura 2 - Localização do projeto I 11
Figura 3 - Localização do projeto III 11
Figura 4 - Localização do projeto II 11
Figura 5 - Turma do Ballet Baby.....12
Figura 6 - Alunos fazendo suas tarefas.....12
Figura 7 - Dia Das Crianças no Projeto.....12
Figura 8 - Turma do Jazz Infanto 12
Figura 9 - Dançando na escolhinha.....13
Figura 10 - Espetáculo O Mágico de Oz 14
Figura 11 - Espetáculo Lembranças.....14
Figura 12 - Espetáculo Cinderela.....15
Figura 13 - Espetáculo Esperança 15
Figura 14 - A Periferia , a comunidade, lugar onde cresci, minha casa, onde vivo... 22
Figura 15 - Espetáculo Festa 24
Figura 16 - Turma do Street Jazz de 2015.....24
Figura 17 - Dia Internacional da dança 24
Figura 18 - Minha turma da Urbanas Teen de 2016.....24
Figura 19 - Minha turma do Street Jazz de 2014 24
Figura 20 - Caderno de artista.....26
Figura 21 - Imagem da minha poética.....27
Figura 22 - Solo espetáculo Quebra-Nozes 28
Figura 23 - Premiação do Dança Bagé 28
Figura 25 - Meu Solo.....29
Figura 24 - Coreografia dos profes.....29
Figura 26 - Espetáculos Lembranças.....29
Figura 27 - Projeto Expressar.....29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10

2. O PAPEL DO PROJETO SOCIAL E MEUS PROCESSOS..... 18

2.1 - A Referência Do Educador Social..... 20

2.2 - As relações de convivência..... 21

3. A CORPOREIDADE E MEUS FRAGMENTOS 30

4. A PRÁTICA E O PROCESSO COREOGRÁFICO: "AÇÃO DO EXPRESSAR" 31

4.1 - Etapa 1 (a procura dos estímulos) 31

4.2 - Explorando a pesquisa de movimento 32

4.3 - Selecionando os movimentos e relacionando à minha história..... 32

4.4 - A voz que move e o som que inspira o objeto principal (a vivência) 32

4.5 Fazendo da voz a melodia do processo final 33

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 34

REFERÊNCIAS 36

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe um processo de criação em dança, com contribuições de pesquisa autoetinográfica, valoriza a dança como educação em projetos sociais. Para isto, a pesquisa de campo aconteceu em um projeto na Vila Cruzeiro chamado: Expressar Centro Cultural que visa a participação e envolvimento das famílias e busca amenizar a vulnerabilidade social[1] local. Além do mais, ofertar o acesso a dança através de projetos sociais[2], relaciona a dança como aprendizagem e inclusão social, pois é importante ministrar aulas de dança para crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, demonstrar que a dança tem um papel importante na sociedade, dentro das comunidades sendo fundamento e motivação. Além disso, trabalha seu papel como indivíduo daquele lugar e também sua autoestima.

Figura 1 - Fachada do projeto, Recepção do projeto e Sala de dança do projeto

Fonte: Acervo do autor (2021)

[1] "À capacidade de mobilidade social, uma vez que o fator econômico influencia na redução de oportunidades, interferindo diretamente nas possibilidades de acesso a bens e serviços [...] Pressupõe um conjunto de características, de recursos materiais ou simbólicos e de habilidades inerentes a indivíduos ou grupos, que podem ser insuficientes ou inadequados para o aproveitamento das oportunidades disponíveis na sociedade[...] tanto a ideia atrelada à noção de risco, quando a ideia de adjetivação dos sujeitos pressupões a perspectiva de transitoriedade." (MONTEIRO,2011, p.31-36)

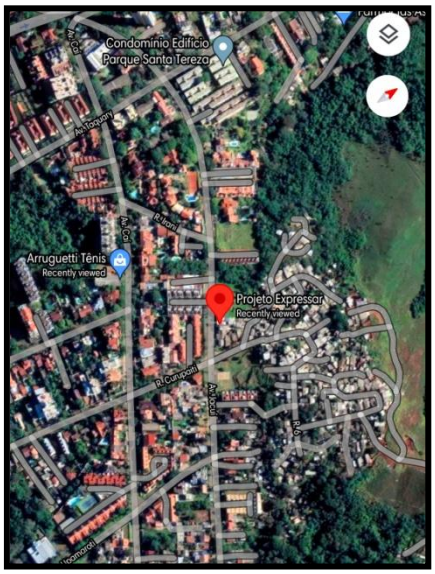
[2] "Grupo ou organização social, que partem da reflexão e do diagnóstico sobre uma determinada problemática [...] podem tanto ser indutores de novas políticas públicas, quanto atuarem na gestão e execução de políticas já existentes[...] contribuem para transformação de uma problemática social [...] São capazes de produzir experiências inovadoras, contribuindo para o enraizamento e/ou a renovação de políticas sociais. Com isso, promovem o fortalecimento dos grupos sociais envolvidos e a democratização da sociedade." (STEPHANOU, MULLER e CARVALHO, 2003, p.11)

O Projeto Expressar desenvolve e incentiva a cultura e a arte de dançar na Grande Cruzeiro desde 2005. Em média atende 150 alunos (crianças, adolescentes e adultos), a maioria dos alunos são da classe c, com etnias bem diversificadas, pretos, brancos, loiros, ruivos, altos, baixos, gordos, magros... E esses alunos moram nas comunidades do em torno não somente da Vila Cruzeiro.

Figura 2 - Localização do projeto I

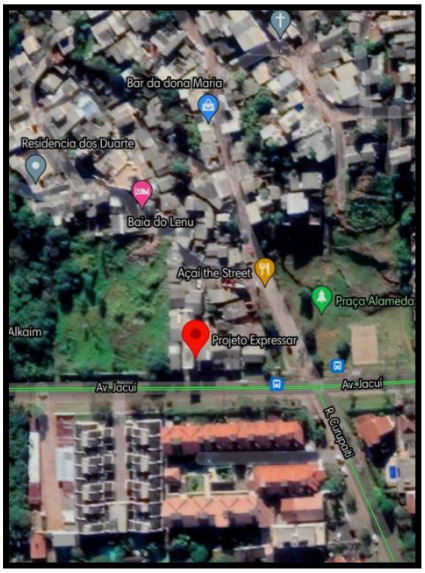
Fonte: Google Maps (2021)

Figura 4 - Localização do projeto II



Fonte: Google Maps (2021)

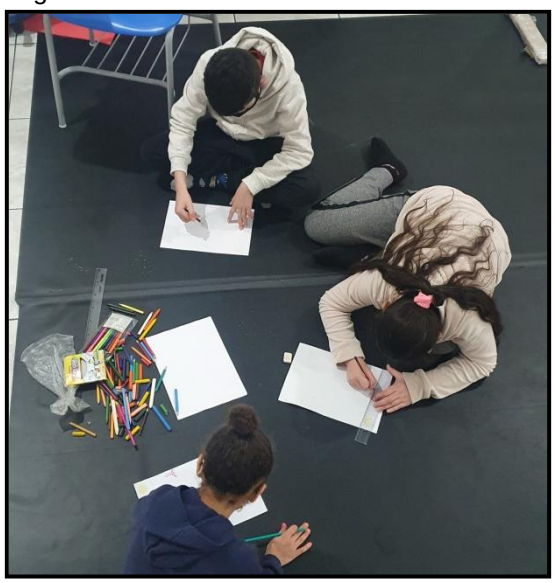
Figura 3 - Localização do projeto III



Fonte: Google Maps (2021)

No projeto têm aulas de Jazz, Danças Urbanas, Ballet, Dança de Salão, Street Jazz, Reforço Escolar, Inglês e Violão.

Figura 6 - Alunos fazendo suas tarefas



Fonte: Acervo do autor (2021)

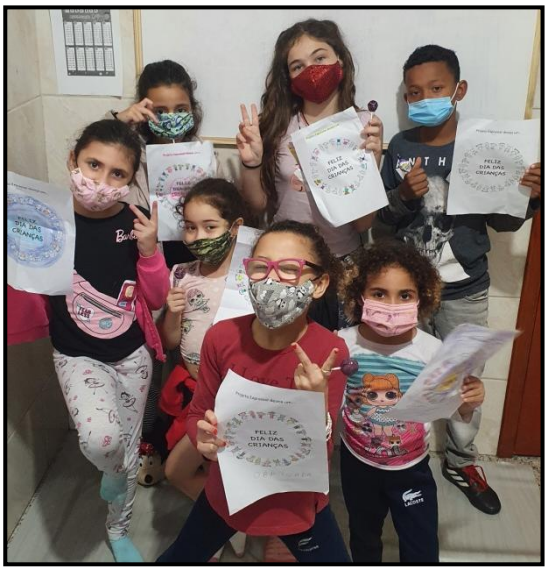
Figura 5 - Turma do Ballet Baby

Fonte: Acervo do autor (2021)

Figura 8 - Turma do Jazz Infanto

Fonte: Acervo do autor (2021)

Figura 7 - Dia Das Crianças no Projeto



Fonte: Acervo do autor (2021)

É necessário elucidar como foi minha trajetória desde pertencente da periferia, ao acesso do projeto social e minha afinidade com o mesmo. Até para que, seja possível adentrar em outras questões de como início no projeto como aluno e me torno educador social do mesmo, sendo o próprio difusor agora dos próprios valores implícitos do projeto social.

Eu começo a fazer parte do Projeto Expressar em 2008 na Escola Municipal De Ensino Fundamental Vereador Martim Aranha, dentro de um programa do governo chamado Escola Aberta.

> O Programa Escola Aberta incentiva e apoia a abertura, nos finais de semana, de unidades escolares públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social. A estratégia potencializa a parceira entre escola e comunidade ao ocupar criativamente o espaço escolar aos sábados e/ou domingos com atividades educativas, culturais, esportivas, de formação inicial para o trabalho e geração de renda oferecidas aos estudantes e à população do em torno.(MEC,2007)

Foi na Associação de Moradores da Vila Cruzeiro do Sul (AMOVCS) onde eu era estagiário de informática, que conheci a Educadora Social Vanessa Rodrigues, ela me convidou a conhecer as oficinas de dança que ela ministrava fora dali, na escola Municipal de Ensino Fundamental Martim Aranha. Ao ser convidado, comecei a fazer parte do projeto Escola Aberta onde dentro do mesmo existia o projeto de dança (Projeto Expressar). Comecei no segundo semestre de 2008, fui aluno, participante ativo da turma de hip-hop. Havia diversas oficinas de dança, onde no final de cada ano era produzido um espetáculo de dança como “mostra” das oficinas. Todos os alunos eram da comunidade e as aulas eram gratuitas. Com muita dedicação, fiz aulas durante dois anos. Até que o oficineiro[3] de dança teve que se ausentar do Programa Escola Aberta e eu acabei ocupando seu lugar por escolha da coordenadora. Assim começa minha história no Projeto Expressar.

Eu já dançava desde pequeno na creche, nas escolinhas e em diversos projetos sociais por onde passei até minha adolescência.

Figura 9 - Dançando na escolhinha

Fonte: Acervo do autor (2021)

[3] “profissional do projeto educativo, responsável pela elaboração e desenvolvimento das oficinas oferecidas aos grupos [...]” (WEBER, 2008, p.116)

Mas minha carreira profissional começou a partir dessa experiência como oficineiro de dança no Projeto Expressar do programa Escola Aberta.

Por motivos políticos, as atividades do Escola Aberta deixaram de existir nas escolas públicas, mas o projeto de dança não. O Projeto Expressar continuou de forma independente, em um outro espaço, mas ainda dentro da comunidade. Intitulado como Expressar Centro Cultural, visando a oferta de dança para crianças, adolescentes e adultos em vulnerabilidade social, que também visa a participação e envolvimento das famílias. Valoriza o trabalho realizado dentro da comunidade da Vila Cruzeiro, dando a oportunidade anualmente da realização de um espetáculo de dança que tem sempre uma proposta pedagógica evidenciada.

Figura 10 - Espetáculo O Mágico de Oz

Fonte: Claudio Etges (2016)

Figura 11 - Espetáculo Lembranças

Fonte: Claudio Etges (2014)

Figura 12 - Espetáculo Cinderela

Fonte: Claudio Etges (2009)

Figura 13 - Espetáculo Esperança

Fonte: Claudio Etges (2019)

O espetáculo é sempre realizado ao final de cada ano (semelhante como era o Escola Aberta). Ao aproximar a dança dos alunos e consequentemente da sua família também, buscamos evitar que esses jovens sigam o caminho da criminalidade, drogadição e também da exploração sexual. Que muitas vezes é um caminho sem volta e pode causar danos irreparáveis.

Os projetos sociais desenvolvem trabalhos que visam incluí-los ao meio social. Seguindo este raciocínio, faço relação com o trecho de Linhares (2007, p. 25)

que diz: “Muitos desses projetos são voltados para a área cultural, onde o teatro, a pintura, o esporte ou a dança, por exemplo, são responsáveis por aproximarem esses mesmos jovens da educação...”

Ao longo dos anos, pela minha experiência e vivência no projeto, relatarei minha trajetória também. inicialmente como aluno, até a experiência atual, em que me encontro como professor e educador social do mesmo. Meu olhar e percepção mudaram de aluno para professor, pois agora eu tinha a responsabilidade de continuar o trabalho social dentro dessa comunidade com aqueles alunos. Como diz Lara Machado (2001, p.16):

> Por meio das relações traçadas entre educador e adolescentes durante o percurso do trabalho, pudemos proporcionar aos indivíduos situações em que se sentissem amados e fossem capazes de construir com seus próprios corpos, dinâmicas de um viver repleto de sentidos.

Muitas coisas foram acontecendo ao longo da vida, fui percebendo que os alunos eram muito carentes de conhecimentos e de afeto. Eram muito dedicados e tinham-me como referência para a maioria das coisas. Da mesma forma como eu no inicio. Então em meio a cada aula, pela observação e vivência percebi que eles já tinham muito potencial consigo mesmo. Potencial esse que não era só das aulas de dança e sim de sua trajetória de vida, das influências que os rodeavam nas ruas, das músicas da época e das mídias dos filme e televisão.

Hoje meu trabalho na dança, como educador social, atrelo com o que cita Rosana Pimenta (2018, p. 35):

> Arte como reconhecimento vital e universal, familiar a todo indivíduo independente do gênero, etnia, credo ou classe social (desde os tempos mais remotos), é a confluência da cultura material e intelectual que viabiliza a percepção do mundo e se opõe à sociedade existente

Cada vez mais tentar reafirmar essas suas potencialidades e mostrar para eles através das aulas de dança e dos diálogos, o quanto isso é importante como pessoa e como um indivíduo pertencente a uma comunidade em vulnerabilidade social, lugar este onde estão diretamente inseridos.

Pela minha história de vida, neste contato, percebo que muitas coisas foram se transformando, modificando, somando e formando o professor artista e dançarino que atualmente sou.

> Se para algumas manifestações culturais a existência do mestre parece ser condição *sine qua non* para a formação do artista, e apenas o artista pode se tornar mestre para, por sua vez, formar outros artistas, em outras manifestações sua presença é aparentemente disponível. Existem muitos professores de técnicas corporais que não são necessariamente mestres. Aqui a palavra *mestre* toma a dimensão de *alguém que tem sabedoria, mais que conhecimento*. Alguém que possui uma experiência ímpar, mais do que vivências acumuladas. Alguém que tem uma maneira especial de transmitir sua sabedoria, mais do que capacidade de se fazer compreender. Alguém que tem generosidade, mais do que complacência. (STRAZZACAPPA, 2013, p.33)

Alinhado á minha perspectiva Liherleya Dias (2011, p. 1) relata:

> Por meio da dança podemos trabalhar várias temáticas, e ao mesmo tempo, podemos refletir sobre a idealização de corpos presente na dança e na cultura, criar em grupo compartilhando ideias e opiniões, ampliar conhecimentos e perceber as mudanças no seu próprio comportamento social.

Com o passar dos anos, e desta minha experiência de vida, percebo que o contato com a dança fez com que a percepção de muitas coisas mudassem. Em relação a perspectiva de vida, a autonomia, a disciplina e a autoestima são afetadas, no caso positivamente. “ O indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos.” (STRAZZACAPPA, 2011, p.69).

E a impossibilidade desse acesso, acaba fazendo o caminho reverso ou dificultando essa formação da criança e adolescente, para a inclusão no desenvolvimento social e na relação do convívio como indivíduo, como pessoa ou como artista. Em minha percepção, a docência da dança pode ser um agente de transformação social nas periferias.

> Ao afirmarmos que *dança é educação*, evidentemente não estamos nos referindo a qualquer dança e a qualquer educação, mas a um dançar e a um educar envolvidos pela dimensão estética do existir, imbuídos do sentido metafórico e existencial do abraço, tomados anteriormente, que em muito dialoga com os conceitos já explicitados de Estética e Corporeidade. (PORPINO, 2018, p.93)

O acesso à arte acaba enfrentando o impacto das violências na vida de crianças e adolescentes.

Considerando também que TODAS as disciplinas do curso de licenciatura em dança da UERGS, foram muito importantes para a elaboração desta pesquisa. Além

de estudarmos muitos teóricos(as) e artistas da dança (e outros que não são) destaco duas pessoas que sempre me fizeram refletir. A Márcia Strazzacappa por seus estudos sobre arte, corpo e educação e Paulo Freire que contribuiu com sua filosofia da educação, por acreditar que a educação é um ato político.

Esta pesquisa reflete e demonstra para a sociedade o quanto é pertinente as aulas de dança para crianças e adolescentes em comunidade. No entanto, a partir de impulsos do que já vivi em meio minha vida artística na dança, revendo meus trabalhos de eventos e apresentações, da investigação, disponibilidade dos alunos, das expressividades e dos movimentos que estão sendo ministrados nas aulas de dança do projeto. Comecei a fazer uma fusão. Produzi descrições, formatei perfis e processos de investigação, aplicados tanto na minha vivência como no processo, juntamente com treinamento do improviso e do contato dos elementos de dança que cruzaram meu caminho. Eu sou o exemplo disso! Não é somente o fato de dançar, se movimentar, criar partituras corporais[4] ou espetáculos de dança. Thays Ramos e Rosie Medeiros (2018, p. 312) dizem que:

> a dança para além da repetição de simples coreografias, constrói uma realidade social, cultural e política, enfim, carrega consigo identidades de povos específicos, e pode ser compreendida como uma linguagem voltada à transformação do homem em benefício da educação.

De terem ao menos uma perspectiva de um futuro e de uma vida melhor. Já que em suas comunidades a vulnerabilidade social, a violência e o descaso do governo, acabam tirando o acesso a educação, o desenvolvimento social, os sonhos e muitas outras oportunidades que uma criança e/ou um adolescente podem ter ao longo da vida que não seja a criminalidade. Não que toda e qualquer comunidade esteja em falta, elas não tem acesso! Pois o projeto social não é uma questão de salvamento, mas é uma questão de oportunidade das pessoas terem acesso a linguagens que não teriam.

2. O PAPEL DO PROJETO SOCIAL E MEUS PROCESSOS

Neste capítulo abordo a referência papel do Projeto Expressar, parte de minhas experiências de projeto, os processos aplicados na prática sobre investigação reflexiva e parte do processo da experimentação sobre minha escrita

[4] é uma forma de codificação do movimento[...] processo criativo do bailarino ou do ator tem como objetivo a construção da obra.(TOLEDO, 2014, p.19)

corporal que diz a respeito do que registro corporalmente, o que me atravessam, o que percebo nas práticas e como uso estas informações.

Para Thays Ramos (2018, p. 319):

> para o jovem e o adolescente, as práticas da cultura corporal de movimento podem constituir-se num instrumento interessante de comunicação e construção de autoimagem [...] é gratificante para as crianças e a comunidade poder participar do Projeto de dança e que este trouxe mudanças para aquele contexto.

Dessa forma o projeto social desenvolve o senso de socialização e empatia, além da autoestima em torno das trocas construídas nas aulas de dança e suas práticas. Assim como de fato exemplifico situações que aconteceram em aula. “ A dança pode contribuir com o indivíduo no sentido de tomar consciência: do seu próprio corpo; do movimento corporal expressivo, criativo e consciente; do sentido do espaço-tempo e de sua relação socio-afetiva” (OLIVEIRA, 2017, p.2).

Tive uma aluna chamada Mariah (nome fictício), que estava bem insegura e com medo de fazer as aulas de dança. Procurou o projeto com intuito de fazer uma atividade física e encontrou isso na dança. Mariah, muito tímida, sempre ficou no fundo da sala, olhar baixo e fazia movimentos retraídos, com algum receio (não sei do que, era mais pela timidez mesmo), mas compreendo ela. Era a maneira dela reagir quando tinha esse contato com a aula de dança. Depois de um tempo, em algumas aulas aleatoriamente, comecei a refletir em algumas coisas e me lembrei que essa aluna sempre ficava “escondida” na sala poderia ser por vergonha. E em meio essa reflexão, vejo ela fazendo a aula do meu lado, na frente de toda turma, próximo ao espelho, toda empoderada e segura de si. Lembrei-me de como ela chegou no projeto e como agora ela se transformou como pessoa. Perdeu a timidez, ganhou autoconfiança e aumentou sua autoestima. Era outra aluna agora dentro da sala de aula, totalmente o oposto de como ela era. Questionei ela dessa “mudança”, pra ver se ela tinha percebido isso. Ela disse que realmente ela só conseguiu, por causa das aulas de dança, que eu tinha deixado ela bem a vontade e que se movimentando ela pode quebrar várias barreiras que tinham dentro dela. Com essa situação, me senti muito feliz e orgulhoso, reafirmei que eu era um dos agentes transformadores dentro da vida dos alunos e que estava no caminho certo. Que a dança tinha esse papel relevante, o de transformar a vida das pessoas.

2.1 - A Referência Do Educador Social

Em meus alunos, vejo que a concepção de arte vem se transformando. Refletem sobre a dança não ser só entretenimento e sim como de fato algo artístico e político. Me vejo neles, criativos, cheios de anseios, descobertas, desejos e a dedicação nas aulas. Que o meu papel ali não é só de um professor de dança[5] e sim de educador social. A princípio, meus professores de dança (dança de rua e jazz) não tinham ensino superior. É corriqueiro que esses profissionais não tenham nenhum estudo formal em dança naquela época (o que acontece atualmente também), como eu não tinha também. Neste caso me denomino e denomino eles como educadores sociais (não por não terem nenhuma formação é claro, mas mais pelo envolvimento com a comunidade em sí) como venho descrevendo e mencionando em minha pesquisa.

> Podemos dizer que o Educador Social não seria um trabalhador docente já que a profissão docente historicamente está vinculada a escolarização e certificação. O papel do Educador Social estaria mais vinculado ao social do que ao educacional, ou seja, a preocupação parece que tem sido com a questão social. A atuação do Educador Social nas escolas não significa que esse trabalhador é um professor. Porém, é comum os alunos chamarem o Educador Social de professor. E alguns Educadores Sociais se percebem como professores, têm um sentimento de pertencimento à docência. Apesar de fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, o Educador Social teria a preocupação maior com o social, com a relação escola e comunidade. Seu foco parece ser o social e não necessariamente o educacional. (MARQUES, 2012, p.2)

Meus alunos enchem-me de orgulho, pois poderiam estar em diversos lugares, fazendo qualquer outra coisa, mas estão sempre ali, se dedicando, não faltando e se esforçando para estarem no projeto, no dia e no horário das aulas.

> A dança, quando explorada sob uma adequada e criteriosa metodologia, contribui significativamente para o desenvolvimento integral do ser humano. Visto que estimula a criatividade, valoriza e respeita às diferenças individuais, desenvolve senso crítico, cognição, percepção, valores morais e sócio-afetivos, autoconfiança, concentração, determinação, disciplina, raciocínio e inúmeros outras competências necessárias a qualidade de vida e ao desenvolvimento da cidadania. (OLIVEIRA, 2017, p.2).

[5] Desassocio o *professor de dança* do *educador social*, pois penso que o do professor de dança pode ser aquele que da aula nas academias ou até em estúdios, com a formação em Educação Física. Não tem o fazer artístico, o ser artista ali. Que é diferente do professor artista, formado em dança mesmo. Já o educador social (que é normal ser chamado de professor) se dedica ao “meio social” ao engajamento do suporte a sociedade, comunidade que esta inserido. O professor de dança, pode sim ser um educador social e vice e versa. Mas o intuito não é categoriza-los e sim diferenciar os fazer artístico, do fazer físico aeróbico.

Quando eu era mais novo, eu não tinha tanto compromisso assim como meus alunos, mas isso não competia só a mim. Se meus oficineiros/professores tivessem a concepção de dança que eu tenho hoje, creio que muito mais vidas jovens seriam transformadas e também teriam suas vidas amenizadas dos sofrimentos e precariedade que as comunidades têm até hoje (não que somente tenham coisas negativas nas comunidades, pois existem as coisas positivas também como por exemplo a união dos moradores). Não só no intuito salvacionista ou romântico que "a arte cura, a arte salva", mas sim desenvolvendo muito mais pessoas com o senso crítico, empático, político, dominando seus conhecimentos sociais e o seu papel como artista dentro de sua comunidade e no âmbito familiar.

No entanto, eu percebi que acabo sendo uma referência e inspiração para meus alunos. Eles acabam reproduzindo de forma positiva, aquilo que vivência em sala de aula. Seja pelas minhas atitudes, problematizações, reflexões, afetos e metodologias. Seus corpos e atitudes me transmitem isso !

2.2 - As relações de convivência

Encontro na palavra amador (MASSCHELEIN e SIMONS, 2017) ao me referir a quem ama e não a falta de profissionalismo. Dando sentido a isto, ao professor amador, conectado aos afetos, aproximo meu pensamento com Masschelein e Simons:

> [...] o amor que entra em cena no "fazer a escola" é descrito como "amor pelo assunto, pela causa (ou pelo mundo)" e "amor pelos alunos". [...] o amor de que estamos falando aqui não se expressa de uma maneira espetacular, mas de maneira bastante comum: em pequenos gestos ordinários, em certos modos de falar e de escutar.
>
> Em outras palavras, expressado em termos conscientemente provocantes, poderíamos dizer que fazer a escola reside, em parte, no *amateurismo* do professor. Poderia ser que o professor nunca é totalmente um profissional, é, pelo menos parcialmente, um amador (alguém que faz isso por amor)? Um professor é alguém que ama seu tema ou matéria, que se preocupa com ela e presta atenção a ela. Ao lado do "amor pelo assunto", e talvez por causa disso, também ensina por amor ao aluno. Como um amador, o professor não é apenas versado sobre algo, também se preocupa e está ativamente envolvido nesse algo. Não só é conhecedor de matemática, mas apaixonado pelo assunto, inspirado por seu trabalho e pelo material. Esse é um entusiasmo que se mostra nas pequenas ações ou gestos precisos, expressões de seu conhecimento, mas também expressões de sua preocupação com o trabalho à mão e seu lugar nele. Esse entusiasmo, literalmente, tem a capacidade de dar uma voz ao objeto de estudo ou prática, seja ele matemática, linguagem, madeira ou estampas. Dessa maneira, é bem-sucedido em colocar os alunos em

> contato com o a matéria e permitir que percam a noção do tempo; isto é, consegue tirá-los do tempo comum e trazê-los a um ponto no presente onde sua atenção é exigida – uma *presença no presente*, pode-se dizer. Esse entusiasmo, essa apropriação de uma relação específica com a matéria, está ligada ao fato de que a matéria é tornada livre, torna-se liberada, é separada de seu uso pretendido e pode, assim, tornar-se um objeto de estudo ou de exercício, tanto para o professor quanto para o aluno. (MASSCHELEIN ; SIMONS, 2017, p.39)

Quando refiro-me a relevância, exponho o sentido de que os afetos e trocas de convivências são tão singular e importante que acabo criando ligações e laços afetivos com os alunos me fazendo ser um professor amador. Muitas vezes nem vejo o tempo passar por amar o que estou fazendo. Cada aluno tem uma demanda diferente, cada um tem sua especificidade, sua história, seus anseios e seus sonhos. Às vezes relatam um acontecimento familiar, uma situação que vivenciou dentro de casa, que vivenciou na rua ou na escola. Entendo a realidade de cada um deles (faço o possível) no exercício da escuta e empatia, pois muita das coisas que relatam já vivi ou vivo.

Figura 14 - A Periferia , a comunidade, lugar onde cresci, minha casa, onde vivo...

Fonte: Bailados Periféricos (2021)

Tento ao máximo me dedicar e suprir a necessidade que eles precisarem não somente além dos diálogos, mas através das aulas de dança também. Para contextualizar trago a ideia de “professor amador” da obra de Masschelein. Que fala em seu texto, que ao surgir as escolas profissionais de arte e com a crescente

profissionalização, as palavras relacionadas a satisfação foram utilizadas do modo pejorativo, para designar justamente a falta de saber profissional.

Sendo um professor amador (Masschelein) faço do Projeto Expressar Centro Cultural um lugar especial, pois lidamos com o público, com as famílias, com vidas... É bem importante ter esse espaço cultural, que também é um lugar de afeto, de acolhimento, de educação e respeito em meio o ensino da dança. Acredito que não haja somente “coisas ruins” nas comunidades e quem frequenta o projeto não procura somente uma “válvula de escape”, mas dentro dele há pessoas que amam uns aos outros, que tocam experiências de vida. Existem muitas histórias potentes, exemplos de superação, dedicação e paixão no que é feito em torno das comunidades. Eu sendo um professor apaixonado e pertencente a esse lugar, conheço bem das demandas que existem em meio a comunidade, em meio ao projeto e como elas se relacionam. Desta forma Márcia Strazzacappa e Carla Morandi (2013, p. 61) dão sentido ao meu relato e falam sobre essa paixão:

> O ensino da dança continua sendo possível pela ação de pessoas apaixonadas, Que acreditam na dança e que reconhece em a dança como área de conhecimento, logo, como um saber importante essencial o na formação do cidadão ponto fico tranquila em utilizar a expressão "apaixonada", Tendo em vista que esta já foi utilizada durante a Daci pela professora Sara Lee Gibb ao mediar umas das sessões. Aqui a palavra apaixonada não pode ser vista no sentido pejorativo nem naïf do termo, mas como dedicação, crença. Tanto na fala de palestrantes quanto na das crianças, era possível identificar a motivação primeira que impulsiona as ações da dança e pela dança - a paixão.

Agregando a esta pesquisa, em minha formação no decorrer do curso tive os componente de Sociologia da Educação e Psicologia da Educação, que me abriram um leque de opções a respeito de experiências socioeducativas. Assim como nos Estágios e em Metodologia e Prática do Ensino da Dança, que de forma imersiva me fizeram entender mais ainda o papel do professor, do artista e as relações que se dão pelo afeto. Tudo isso percebo nas atividades que desenvolvo no Projeto Expressar. E isso sempre me fez voltar pra casa, pra minha caixinha e entender o quanto isso é relevante pra mim e para meus alunos também. Entender o quanto isso é importante.

Figura 15 - Espetáculo Festa

Fonte: Claudio Etges (2015)

Figura 17 - Dia Internacional da dança

Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 16 - Turma do Street Jazz de 2015

Fonte: Claudio Etges (2015)

Figura 19 - Minha turma do Street Jazz de 2014

Fonte: Claudio Etges (2014)

Figura 18 - Minha turma da Urbanas Teen de 2016

Fonte: Claudio Etges (2016)

Juntamente com a sensibilidade do meu olhar ao longo dos tempos, na minha pesquisa apoio-me sobre as minhas experiências ao longo da vida. As minhas vivências, as minhas observações, expectativas e diálogos em aula com os alunos,

para minhas próprias formulações do meu papel como professor artista e bailarino intérprete.

Assim como Fortin (2009, p. 83) que diz que:

> a auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do "eu" que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si.

será de fato feita assim, indo ao encontro desta reflexão que dá a minha pesquisa.

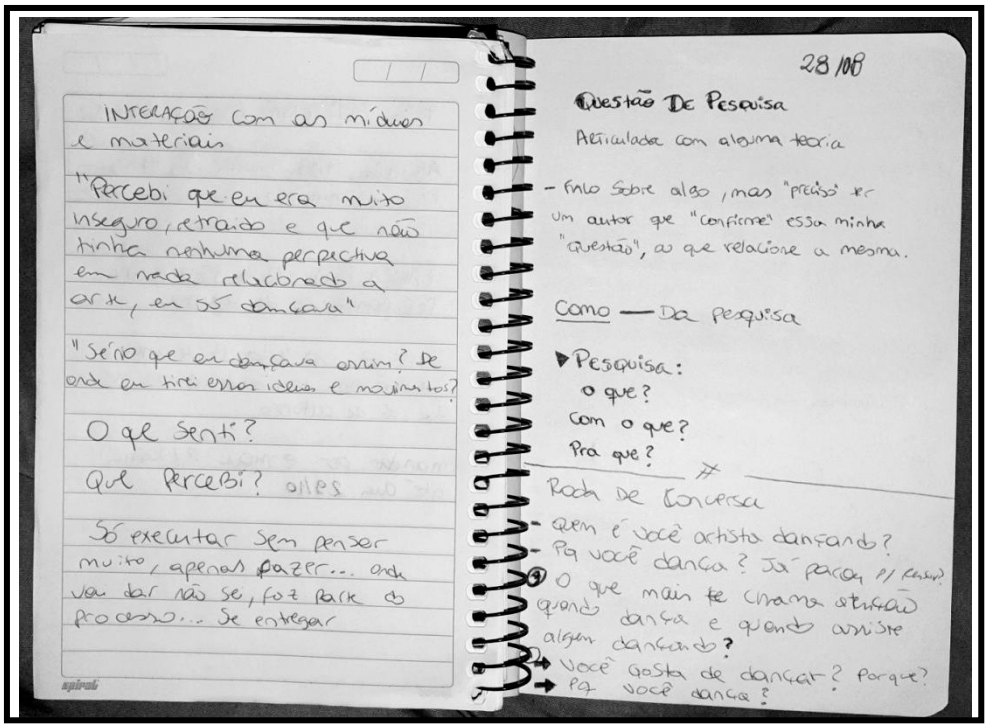
Apoiada pela observação participante a fim de obter informações presentes, situações vividas pelos alunos, vivência com os educadores sociais, professores e alunos pertencentes ao Expressar Centro Cultural, parti então de uma metodologia auto-etnográfica para minha pesquisa na prática artística. Realizei observações, vivências e analisei o comportamento dos alunos, sua postura, convivência e socialização nas aulas de dança, mediada pelos professores.

> Toda descrição é, de fato, uma interpretação no sentido de que é a seleção de informações e atribuição de significações a partir de uma memória e de um imaginário individual e coletivo [...] De fato, se a pessoa que conduz a investigação é indissociável da produção de pesquisa, por que, então, não observar o observador? Por que não olhar a si mesmo e escrever a partir de sua própria experiência? (FORTIN, 2009, p.77)

Com o treinamento corporal, através das danças urbanas e a contemporaneidade. também explorei os estudos de Laban (1978) no sentido da movimentação (peso, espaço e tempo) e as formas espaciais do corpo-movimento no espaço (planos, cinesfera, direções). Nessa perspectiva de metodologia é feita então, uma imersão em campo, de corpo presente, a auto-observação, o ato de manter os joelhos flexionados aleatoriamente, movimentos ocupando uma cinesfera menos expandida mas, em deslocamento pelo espaço e hora fora do eixo também. A partir de impulsos do que já vivi em meio minha vida artística na dança, revendo meus trabalhos de eventos e apresentações, da investigação, disponibilidade dos alunos, das expressividades e dos movimentos que estão sendo ministrados nas aulas de dança do projeto. Comecei a fazer uma fusão. Produzi descrições, formatei perfis e processos de investigação, aplicados tanto na minha vivência como no processo, juntamente com treinamento do improviso e do contato dos elementos de dança que cruzaram meu caminho. Descrevi e analisei cada detalhe em minha percepção

(tanto corporal como holística[6]) e ao longo do processo. Através dessas construções, das descobertas e das escritas produzidas em meu caderno de artista[7],

Figura 20 - Caderno de artista



Fonte: Acervo do autor (2021)

vou relatando essas percepções. Para que ao decorrer da pesquisa, isso tudo (do passado e do presente) surja o meu movimento e a minha partitura corporal. Peguei um objeto da minha poética artística, fiz minha interação com este objeto da minha poética, improvisei, criei pequenas partituras que me remetam a alguma inspiração ou projeção de movimento, selecionei alguns movimentos e passo para o próximo objeto. Talvez possam trazer a corporeidade que necessito, que tenha informações de movimentos que julgo suficientes e pertinentes para meu processo. Tiro as informações que eu necessito desses elementos: Minha “bagagem” de vida e minha vivência atual (presentes na minha imagem da poética), meu caderno de artista, objetos da minha imagem da poética e as partituras corporais com elementos improvisados.

[6] Sinônimo de observação. Sentido ao entendimento e interação pela apreciação.

[7] Diário do processo de criação e produção artística, registro de textos escritos por mim durante seu processo de criação e produção artística. Manuscrito com percepções, sentimentos, planejamentos, referências, antes, durante e depois da criação de algum processo artístico.

Figura 21 - Imagem da minha poética

Fonte: Acervo do autor (2021)

Nas segundas-feiras e nas sextas-feiras, foram os dias os dias que dediquei para minha pesquisa de campo (no Projeto Expressar), onde observei e pratiquei também alguns processos sozinho e junto com meus alunos. Observei os alunos ao longo das aulas, percebi que eles participaram das atividades bem dispostos, que chegaram muito inspirados e dispostos a executarem o que é proposto. Eles estavam sempre em alerta, de corpo presente, atentos aos comandos, com tônus de prontidão, ativos e observação atenta.

Um dos processos coreográficos que trabalhei é com fragmentos. Estruturei uma coreografia a partir da imagem da minha poética, transformei ela e reordenei os fragmentos em uma nova coreografia. Projetei um trabalho solo, com alguns códigos de movimentos das danças urbanas e sua contemporaneidade[8], movimentos dos recortes de gestos que acumulo em minha trajetória de vida, das aulas do Projeto Expressar e minha trajetória dentro (e fora) do projeto também.

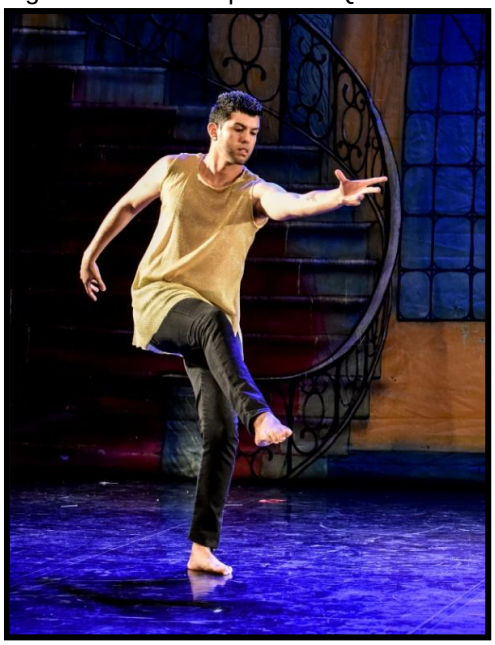
Selecionei fragmentos que julgo pertinentes e significativos a minha percepção. Após trabalhei cada um desses fragmentos (para saber se acho alguma

[8] Como incluo algumas outras movimentações fora do código das danças urbanas (como o improviso por exemplo) denominei como “contemporaneidade” por fazer essas ligações e permear demais outras releituras de movimentos que não fazem parte do estilo.

informação ou não), reordenei novamente em uma movimentação composta pelo acúmulo desses fragmentos.

Destes estímulos, destas experimentações e estas investigações foram um dos gatilhos do meu repertório e metodologia. Foi composto assim, minha movimentação solo com todo esse processo no viés das danças urbanas e contemporaneidade, inspirado na minha própria vida. Vida de dançarino, professor artista, coreógrafo e educador social.

Figura 22 - Solo espetáculo Quebra-Nozes



Fonte: Claudio Etges (2019)

Figura 23 - Premiação do Dança Bagé

Fonte: Acervo do autor (2018)

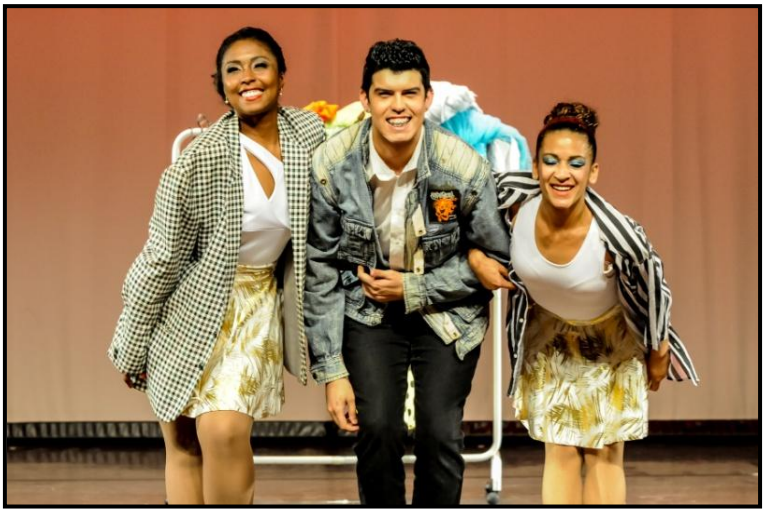
Figura 25 - Coreografia dos profes

Fonte: Claudio Etges (2016)

Figura 24 - Meu Solo

Fonte: Claudio Etges (2019)

Figura 26 - Espetáculos Lembranças



Fonte: Claudio Etges (2014)

Figura 27 - Projeto Expressar

Fonte: Claudio Etges (2013)

3. A CORPOREIDADE E MEUS FRAGMENTOS

Aqui discuto o que eu já descobri, o que eu já aprendi e o que eu já percebi em execução. Percebi que nas sextas-feiras existe um ritmo diferente de convivência entre os alunos, talvez por preceder o final de semana, já chegaram agitados e cheios de energia, ao contrário do que acontece nas segundas-feiras. Que chegaram bem mais calmos, sem tanta intensidade, com o tônus mais relaxado, corpo pesado e mais dispersos. Uma percepção que tive em campo, é que isso também faz com que essa energia reverbere em mim. Nas segundas-feiras me sinti mais relaxado e nas sextas-feiras mais agitado, talvez levei comigo esse tônus e presença que os alunos trouxeram de fora para dentro da aula. Seus corpos são muito potentes. Eles têm ritmo, noção de espaço, entendem o tempo dos movimentos (melodicamente) e são muito dedicados ao o que é proposto. Estão sempre querendo aprender algo novo ou diferente do que já estão acostumados. São movidos pela motivação e inspiração deles mesmos e dos colegas também.

Por estar disponível e entregue ao processo, pode ser isso que, me remeteu inteiramente a estar envolvido com essa movimentação do cotidiano que eles transcendem a minha pessoa, que estou sempre disponível a interagir e isso é um estado de tônus de atenção. Pretendi levar isso para minha construção coreográfica e investigação, como este estado de tônus de atenção, de entrega, convivência e trajetórias. Fizeram com que eu tivesse movimentos em uma poética inspirada na realidade e na vida dos alunos, sobre a perspectiva das minhas experiências. Fundindo assim a realidade dos alunos a minha realidade.

Assisti as mídias de minhas apresentações de dança, quando eu fazia aula, comecei a refletir o que estava acontecendo naquela época e revisitei o meu eu de décadas atrás. Interagi com esses materiais e registrei em meu caderno de artista. “*Percebo que eu era muito inseguro, retraído e que não tinha nenhuma perspectiva em nada relacionado a arte, eu só dançava*” (trecho do meu caderno de artista). Refletindo após o que escrevi, acredito que a repressão em meio ao preconceito (só héteros dançavam hip-hop) de alguma forma afetava o meu movimento (o gestual, o deslocar-se, o dançar, o modo de se vestir) pois o meu corpo que dançava antes não é o mesmo corpo dançante de agora (por seguir na mesma modalidade/estilo/tipo de dança) e não só por questão de se aperfeiçoar, conhecer meu corpo, minha sexualidade, entender esse caminho e se capacitar com o tempo.

É sobre perceber um corpo mais confiante, entregue, solto, disposto, a vontade e confortável para a execução dos movimentos, talvez pela evolução destes fatores mencionados anteriormente.

4. A PRÁTICA E O PROCESSO COREOGRÁFICO: “AÇÃO DO EXPRESSAR”

Dividi em etapas a parte do processo de pesquisa corporal. Entre a inspiração, os estímulos de movimento e os pontos de partida da criação, até a movimentação compondo a coreografia final da pesquisa artística com suas sonoridades. Pois para todo o processo coreográfico foi necessário muitos processos. Estes processos descrevo de forma ordenada como foi sua execução: Tendo o inicio com os estímulos; a exploração da pesquisa e os movimentos; a seleção desses movimentos e a relação a minha história; a vivencia e por final a sonoridade de todo o trabalho coreográfico pesquisado, explorado e executado.

Elucido assim, desde os estímulos e inspirações até a concepção da finalização e conclusão com as sonoridades necessárias.

4.1 - Etapa 1 (a procura dos estímulos)

Atrelando a pesquisa ao movimento. Procurei minhas fotos de quando era criança a fim de relembrar os lugares por onde passei, as sensações e como era meu acesso à dança. Assisti também meus DVDs de espetáculos (mais atuais) para reviver as lembranças dos processos coreográficos. Observei minhas premiações de apresentações e competições, reli meus portfólios a fim de lembrar dos lugares, dos colegas, dos professores e dos alunos que já cruzaram meu caminho. Tomei como inspiração todo esse material físico. Eles serviram de impulsos para criação. Improvisei com cada um deles, movimentos que trouxessem as lembranças desses trabalhos artísticos (as coreografias e as apresentações que já se passaram) que fiz parte como aluno e outros já de minha própria autoria como professor. Refleti, recordei, interagi com esses elementos e lembrei da minha relação com esses objetos. Os meus colegas de turma (na época), meus/minhas educadores/as sociais e meus oficineiros. No primeiro momento executei movimentos improvisados sem música mesmo, afim só de perceber como eram esses movimentos e o que eles reverberam em mim.

4.2 - Explorando a pesquisa de movimento

Dividi em pequenos fragmentos os movimentos da etapa anterior. O fragmento surgia quando eu rompia o processo de improviso. Rompi ele, quando julgava que já havia ter explorado todas as possibilidades com o mesmo. Os fragmentos foram selecionados também pelo esgotamento da interação, quando eu julgava já ter repertório suficiente de movimentos. Movimentos estes, elaborados individualmente com cada um dos elementos da imagem da minha poética. Improvisei como se de fato estivesse revivendo e/ou revisitando aquele momento, fazendo de fato o caminho que vivi/senti perante a minha recordação.

Depois peguei esses fragmentos, reordenei e fiz deles uma partitura corporal. Marcando e criando rascunhos em meu corpo, um caminho, algo que fizesse sentido pra mim como processo de pesquisa. Tentei assim, explorar os recursos que eu utilizava pra dançar, o caminho que eu traçava e como eu executo eles agora, no tempo presente. As características daquela lembrança e o que me atravessou naquele momento. Como na auto etnografia, fiz uma descrição “de mim” que permite o ir e vir da minha experiência pessoal passada e as dimensões que me tomam hoje.

4.3 - Selecionando os movimentos e relacionando à minha história

Estruturei a partitura corporal a fim de representar “o meu passado” (pois não dissocia ele do que sou hoje, do que carrego comigo desde então) enterlaçado ao meu “meu presente” e com o acumulo dessas informações que sempre carreguei. “*Sério que eu dançava assim, de onde eu tirei essas ideias e movimentos ?*” (trecho do meu caderno de artista). Pretendi incluir nesse processo cada vez mais partituras corporais do presente, elementos e movimentos novos, coisas que me inspiravam atualmente, que vivi, senti e percebi em meio ao meu processo de pesquisa. Tentei contar, minha trajetória e relação como os alunos do Projeto Expressar, através das danças urbanas e sua contemporaneidade. Ressignifiquei assim, algo novo (presente), com lembranças e fragmentos do passado. Se deu desta maneira, como este sendo, o meu atual processo prático coreográfico.

4.4 - A voz que move e o som que inspira o objeto principal (a vivência)

Foi uma necessidade do processo de criação fazer gravações em áudio com a captação de depoimentos dos alunos. Pra fazer uma relação e aproximação deles

para comigo em meu processo. Na minha coleta, a hora que fui para o processo de criação, precisava ter elementos disso. Lá na minha pesquisa de campo eu tive uma coleta que me impregna das crianças e dos adolescentes o tempo inteiro. Eles estavam o tempo inteiro conversando comigo, dançando junto, reclamando, pedindo, rindo, se empurrando... Este cotidiano está impresso em mim, a hora que eu vou para o processo de criação precisou ter alguns elementos disso. E as falas deles são um elemento potente, onde eles próprios se definem, assim como eu próprio tentei definir essa história de dança do projeto social estando dentro. Eu sou um alguém de dentro dessa história, fazendo isso. Não é uma entrevista, não fez parte de uma metodologia de entrevista. Isso foi uma necessidade que o surgiu ao decorrer do meu processo de criação.

4.5 Fazendo da voz a melodia do processo final

Os áudios captados resultaram em uma trilha musical, mixada com as colagens das gravações. E essa trilha, juntamente com outras sonoridades foram o tom do meu processo, a canção da minha coreografia para esse processo artístico final, da pesquisa artística. Me identifiquei com a música mixada e com os próprios relatos dos alunos quanto. Foi assim que concluí todo meu processo de criação e pesquisa coreográfica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o anseio de poder externar a vivência em um projeto social, esse processo de pesquisa fez com que eu me encontrasse cada vez mais como educador social e professor artista. É extremamente importante crianças e adolescente terem acesso a dança e as artes no geral pois a sociabilidade, as trocas de experiências que são dadas, e todos os outros fatores presente na pesquisa são o que movem eu como professor artista e esses alunos também. Eles fazem-me, como pessoa, cada vez mais entender que a empatia e arte é um agente transformador pra todos.

Quando iniciei a pesquisa, queria falar de muitas outras coisas, mas percebi que transmitir o meu olhar dentro deste espaço, dessa cena, imerso dentro do Projeto, falando da minha trajetória de vida seria algo mais relevante pra mim, intimista e precioso. Pois eu olharia pra eu e meus processos, para compreender na vivência, os processos artísticos que os alunos trazem consigo.

Em meio minha pesquisa ao rever meus trabalhos e apresentações, eles me inundaram de uma nostalgia surreal e incrível. Tanto positiva quanto negativa, mas necessária e pertinente para todo o processo. Fazer essa fusão e mistura de ideias que nos modificam e transformam com o passar do tempo, é o processo que desenvolvo e também vejo nos alunos. Uma evolução ! Um amadurecimento precoce na formação de apreciadores de arte e de artistas, que com a idade deles eu ainda não havia desenvolvido, por falta de estímulos talvez.

A pertinência com o convívio, a partilha das vivências dos alunos e as partilhas de minhas vivencias em meio a processo estreitaram ainda mais nossos laços afetivos. Me faziam cada vez mais refletir sobre minha trajetória de vida e reviver minhas lembranças, pois me vejo em meus alunos. Vivemos em meio as mesmas comunidades e convivemos praticamente a mesma realidade, mesmo cada um tendo consigo a sua trajetória de vida pessoa e suas próprias vivências. Não é porque vivemos geograficamente no mesmo espaço que enfrentamos as mesmas dificuldades, mas sabendo que temos as mesmas realidades. E eu hoje com a maturidade e o olhar sensível que desenvolvo a cada dia que passa, percebo que os alunos passam pelos mesmos processos e dificuldades que eu já passei um dia. Porém, por terem eu como referência, sou um facilitador, multiplicador de valores, um professor artista que vê potencial em cada uma desses alunos. Quando iniciei na

dança não tinha ninguém como esse olhar diferenciado para comigo. Então é muito relevante que hoje na dança eu proponha, crio situações, encontros, compartilho experiências, artes, conhecimentos, informações, solidariedade, horizontalidade e oportunize situações de vida com aulas, com problematizações e com apreciações. Que através da dança eles sejam difusores de bons valores, que cada vez mais eles sejam seres empáticos, críticos, criativos e artistas incríveis !

REFERÊNCIAS

BAILADOS PERIFÉRICOS; Direção: Vanessa Rodrigues. Produção: **Projeto Expressar**. Porto Alegre, 2021. Disponível em: https://youtu.be/E3zzPsg6WWU?t=692

BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta pedagógica do programa Escola Aberta**. Brasil: MEC, 2007.

DIAS, LIHERLEYA NERI, et al. **As Contribuições De Um Projeto De Dança Para As Mudanças Do Comportamento Social De Crianças E Adolescentes**. *Fiep Bulletin*, vol. 81, no. Special Edition - ARTICLE I, 2011, p. 5

FORTIN, Sylvie; MELLO, Trad Helena. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística**. Cena, n. 7, p. 77, 2009.

LABAN, Rudolf. **O domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LINHARES, Ediney da Silva. In**clusão Social De Jovens Em Projetos Sociais Relacionados À Dança:** Uma Breve Revisão Essentia, Sobral, vol 17, suplemento 1, p. 24-34. 2017

MACHADO, Lara Rodrigues. **Capoeira e Dança na Educação de Adolescentes**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2001.

MARQUES, Marcelino. Educador social: trabalhador docente. In: **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília. 2012. p. 114-124

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Autêntica, 2017. p. 39

MONTEIRO, Simone Rocha da Rocha Pires. O marco conceitual da vulnerabilidade social. **Sociedade em Debate**, v. 17, n. 2, p. 29-40, 2011.

OLIVEIRA Santos Gabriel, Felipe; LIMA Sales, Roberto; BARROS DE CAMPOS, Yasmin Victoria. **Dançando Para Educar: Dialogando Com A Escola, A Comunidade E O Corpo**. In: 8ª Jice-Jornada De Iniciação Científica E Extensão. 2017.

PIMENTA, Rosana Aparecida et al. **Dança: difusão e discussão: um projeto social na cidade de São Paulo**. 2008.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. 2018, p.93

RAMOS, Thays Anyelle Macêdo da Silva; MEDEIROS, Rosie. Educação como expressão do corpo que dança: um olhar sobre a vivência da dança em projetos sociais. **Educar em Revista**, v. 34, p. 311-324, 2018.

STEPHANOU, Luis; MULLER, Lúcia Helena; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Guia para elaboração de projetos sociais**. São Leopoldo, RS: Sinodal, Porto Alegre/RS: Fundação Luterana de Diaconia, 2003.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. CEDES , Campinas, v. 21, n. 53, p. 69-83, abril de 2001.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: A formação do artista de dança**. Brasil: Papirus Editora, 2013

TOLEDO, Marcela Costa. **As relações entre dança e teatro no cenário ipatinguense: pesquisa de três grupos da cidade**. 2014.

WEBER, Dorcas. Conversas reguladas-Observações em uma mostra de artes visuais. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 12, p. 113-120, 2008.